

UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO  
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”  
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL

**Norma Carrera Maia Alberto**

**O Conto de Fadas, uma visão psicopedagógica, com ênfase na  
atividade conhecida como “A Fábrica de Contos”.**

**São Paulo**

**2008**

**Norma Carrera Maia Alberto**

**O Conto de Fadas, uma visão psicopedagógica, com ênfase na  
atividade conhecida como “A Fábrica de Contos”.**

Monografia apresentada para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional “Lato Sensu”, ao Departamento de Pós-Graduação da Universidade de Santo Amaro – UNISA sob orientação da Profª Mestre Flávia Teresa de Lima

**São Paulo**

**2008**

## **Agradecimentos**

Agradeço a Deus por ter sido sempre minha força e amparo, nos bons e maus momentos.

Agradeço à Professora Mestre Flávia Teresa de Lima, minha orientadora, pela sua dedicação, comprometimento, exemplo, companheirismo e abertura que muito contribuíram para meu aprendizado.

Agradeço a todos os professores do programa de pós-graduação da Unisa pela contribuição que deram para a minha formação, ora respondendo a meus questionamentos, ora trocando informações e experiências.

Agradeço aos colegas de turma pela amizade e pelo espírito de companheirismo e cooperação que sempre pautou nosso relacionamento.

Agradeço de forma muito especial ao Adamir, à Cibele e ao Guilherme, querido esposo e filhos que souberam me apoiar e compreender a minha ausência durante o programa do curso.

## **Resumo**

O presente artigo pretende analisar a partir da importância da utilização do Conto de Fadas no exercício da Psicopedagogia, a aplicação específica da atividade conhecida como “Fábrica de Contos” desenvolvida por Jean-Marie Gillig que visa basicamente incrementar e/ou mesmo desenvolver a criatividade, a produção narrativa e escrita em crianças e adolescentes. Isto acontece, pois na “fabricação do conto” são utilizadas sugestões fornecidas pelos próprios pacientes, que buscam em seu imaginário elementos que podem fazer parte da atividade sugerida. Para a execução desta é necessário que se escolha, um herói, um objetivo, um lugar, um vilão, um amigo do herói, um objeto mágico e um ponto de partida. A base para a elaboração deste artigo é experiência vivida com dois pacientes em estágio supervisionado para o curso de Psicopedagogia clínica e institucional. A aplicação desta técnica em clínica psicopedagógica, propicia que sentimentos como, emoção, frustração, desejo, raiva, medo, tristeza, alegria dentre outros venham à tona na mente consciente ou mesmo inconsciente dos pacientes, fazendo ainda com efetivamente sua imaginação possa ser reproduzida de forma verbal ou escrita, estimulando no paciente o desenvolvimento destas competências. Ela ainda pode explicitar possíveis demandas já previamente diagnosticadas bem como sugerir outras.

**Palavras chave: contos de fadas, fábrica de contos**

## **Abstract**

This article is intended to analyse the activity known as “Factory of Tales”, developed by Jean-Marie Gillig, that basically wants to give strenght or even create criativity, the development of the narrative story and also the writing of children and teenagers This happens because at the “Factory of Tales”, suggestions given by the pacient himself/herself are used, seeking inside his/her mind things that can be used in the activity in action. For that to happen, it is necessary the choosing of a hero, an objective, a place, a villain, a hero’s friend, a magical object and a start. This article’s base is a lived experience with two pacients , in supervised training for the clinical and institutional psychopedagogy course. This technique’s application at a psychopadagogical clinic makes feelings such as emotion, frustation, desire, anger, fear, sadness, joy and many others come to the surface of the pacient’s conscient or unconscient mind, even reproducing effectivelly the pacient’s imagination, so it can be put out by written or spoken words, helping the pacient to develop thei abilities. The technique can either explicitate other things previously suggested, or suggest others.

**Key-words: Fairy Tales, Factory of Tales.**

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>1. CONTOS DE FADAS .....</b>	<b>13</b>
1.1 – ESTRUTURA BÁSICA DOS CONTOS DE FADAS .....	15
1.2 – AS POSSIBILIDADES NO TRABALHO COM O CONTO DE FADAS.....	18
<b>2. A FÁBRICA DE CONTOS.....</b>	<b>21</b>
<b>3. ESTUDO DE CASO .....</b>	<b>25</b>
3.1 – L 14 ANOS – HIPERASSIMILATIVO-HIPOACOMODATIVO.....	25
3.2 – A 14 ANOS – HIPOASSIMILATIVO-HIPERACOMODATIVO .....	34
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>43</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>45</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>46</b>

## Introdução

Como professora de História para os cursos Fundamental II e Ensino Médio, por 12 anos e Orientadora Educacional durante três anos, pude perceber a necessidade premente de fazer diferença na vida dos educandos, para que os mesmos possam atuar de forma ativamente positiva na história das comunidades em vivem, em seus bairros, cidade, estado, país e mesmo no mundo.

A história da humanidade mostra que mudanças só aconteceram graças aqueles que ousaram sonhar, imaginar, idealizar um mundo melhor ou apenas diferente. Há nela os que viram e os que não tiveram tempo de ver a concretização destes sonhos. Grande parte deles apenas conseguiu lançar uma pequena semente que mais tarde viria gerar os frutos dos quais nos deliciamos até hoje.

Isto não pode parar, o mundo não para, a população mundial cresce de forma astronômica, proporcionalmente a isto, aumentam os problemas e as dificuldades para a sobrevivência.

Quem gradativamente, de forma incontestável irá juntar-se, e mais tarde substituir o grupo de pessoas, que hoje, com seus conhecimentos trabalham incansavelmente para que esta e outras gerações possam sobreviver neste mundo tão doente em tantos aspectos?

Certamente isto caberá aos que hoje ocupam bancos escolares.

Infelizmente nem todos conseguem ter acesso a uma educação formal adequada. Dos que conseguem muitos, pelos mais variados motivos desistem no meio do caminho.

Aqui não cabe mencionar, nem mesmo analisar estes fatores, a exceção de um, o qual é o motivo que me leva desejar ser uma psicopedagoga: “as dificuldades de aprendizagem”, fator em si determinante para que muitos desistam antes de chegar ao máximo de sua capacidade acadêmica e intelectual.

Entendo e nem tenho a pretensão de em minha atividade profissional resolver todos os problemas que chegarem até mim. Se isto em algum momento me passou pela mente, ficou explicitado durante o curso que jamais nos será possível.

Contudo não me fez desistir, mas sim buscar me preparar da melhor maneira possível, para conseguir de alguma forma fazer alguma diferença positiva na vida de meus futuros pacientes.

O trabalho sistemático, consistente, tal qual o da formiguinha diante do formigueiro, com certeza alcançará muitos daqueles a quem eu tiver oportunidade de atender.

Sempre com a finalidade claramente estabelecida de criar no paciente com alguma modalidade de aprendizagem, autonomia suficiente para que ele possa alcançar o topo de sua “montanha”, intelectual.

Aos que porventura não me forem possível “curar”, e certamente muitos destes encontrarei, quero ter a certeza de poder de consciência tranqüila, saber, que cumpri de forma idônea, incansável o papel a mim determinado como psicopedagoga.

Tive minhas primeiras experiências com pacientes em meu estágio supervisionado realizado dentro do Centro Saúde Escola que também abriga o LAAR.

Acho que neste momento se faz necessária uma rápida apresentação deste órgão de apoio às comunidades carentes.

Ao longo da história de serviços prestados à comunidade credenciada a Faculdade de Medicina da Unisa a um enorme desafio, recebido por nós com entusiasmo e com a mesma responsabilidade de quem há 30 anos dá o melhor de si no atendimento à população de baixa renda da zona sul da Capital.

Em parceria com o governo do Estado, por meio da Secretaria do Estado da Saúde, a Unisa começa a promover uma ampla e completa transformação nas instalações de seu Complexo de Saúde, constituído pelo HEWA (Hospital Escola Wladimir Arruda) e pelo CSE (Centro de Saúde Escola. Em poucos meses os dois espaços passarão a atuar conjuntamente num projeto pioneiro; o “Poupa-Tempo da Saúde”.

O nome do novo Complexo de Saúde será LAAR –Lar Ambulatório de Alta Resolução. Nome que em sua essência nos remete a um ambiente familiar e acolhedor, onde devem prevalecer noções de carinho, proteção, respeito e cuidados especiais. Assim pretende ser o novo LAAR da Unisa, aliando tecnologia a profissionais e **alunos** aplicados – unidos na missão de oferecer atendimento ambulatorial rápido e eficiente.

Os profissionais e alunos da Unisa implantam programas de ajuda especializada para asmáticos, crianças e jovens com dificuldades de aprendizado, tuberculosos, portadores de doenças sexualmente transmissíveis, vítimas de desnutrição. Também promovem campanhas de planejamento familiar, de combate à hipertensão arterial, diabetes, além de ações na área de endocrinologia infantil e de saúde das famílias, com o Projeto Favela.

Porém, ao longo de todos estes anos, as dificuldades foram superadas com uma receita que combina criatividade, união de todos e solidariedade. **Pelo Complexo de Saúde da Unisa, já passaram 1 mil e 800 alunos**, 950 residentes em Medicina, mais de 200 professores, além de 2 mil profissionais de saúde.<sup>1</sup>

De 08 de novembro de 2007 a 18 de junho de 2008, comecei por em prática os ensinamentos obtidos no curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional, usando a principio as orientações das aulas de “Diagnóstico Psicopedagógico”, ministradas pela Professora MS Flávia Teresa de Lima.

Alguns resultados na aplicação destes ensinamentos foram de tal forma significativos que se tornam agora motivo de uma reflexão mais aprofundada de minha parte, no intuito de aperfeiçoar suas práticas, bem como para ratificar sua eficácia na aplicação da clínica psicopedagógica.

Busco então através deste trabalho de pesquisa reafirmar mais uma vez o desejo de poder ajudar efetivamente os meus futuros pacientes, através da apropriação de um maior conhecimento de assuntos relacionados aos contos de fada e sua aplicação na Psicopedagogia.

É meu intuito neste trabalho analisar a eficácia da utilização da “fábrica de contos”, estratégia que, a meu ver, se aplicada de forma correta, pode trazer resultados eficazes para confirmação de diagnóstico e também na intervenção psicopedagógica.

Busco neste trabalho justificar a importância desta estratégia nem sempre utilizada de forma correta, inviabilizando assim que se esgotem todas as suas possibilidades terapêuticas.

Reafirmando a importância que entendo ter o assunto, cito Lya Luft, que ao comentar sobre o livro “Fadas no Divã” de Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso, fala que as histórias de fadas, que geralmente são tidas como criadas para crianças, não passam de histórias populares, que com sua repetição na forma oral, com o tempo foram adaptadas para as crianças. Na realidade, segundo ela, representam estruturas inconscientes inatas no ser humano. Elas podem então, trabalhar, interpretar talvez aliviar, e até reconstruir em parte, a psique dos pacientes.

---

<sup>1</sup> [http://www.unisa.br/graduacao/biologicas/medic/2005\\_03\\_07.html](http://www.unisa.br/graduacao/biologicas/medic/2005_03_07.html)

Isto posto procuro confirmar que as possíveis estratégias relacionadas à utilização do conto de fadas, mais especificamente a “fabrica de contos”, podem e devem contribuir muito na prática da clínica psicopedagógica, pois mesmo que por vezes um tanto negligenciadas por alguns, são sem dúvida um instrumento extremamente eficaz para o tratamento de crianças e adolescentes que apresentem alguma modalidade de aprendizagem.

Esta atividade permite com que aflore no paciente imagens que estão apenas em seu subconsciente, medos, traumas, “não ditos”, “não permitidos” etc., que só com a imaginação e criatividade empregada na mesma, podem passar para um plano real, através do irreal do conto de fada.

Transportando-se para os elementos do conto, os pacientes conseguem, por algum período de tempo, viver a vida deles, experimentando desta forma realidades as quais, muitas vezes não identificam ou mesmo que identificadas, tendem a delas fugir.

Nos contos de fadas, tudo é permitido, o mal está presente, assim como o bem. O mal por algum tempo pode sobrepor-se ao bem, mas sempre de alguma forma será derrotado por ele.

Os contos mostram ainda que vale a pena buscar ser bom, principalmente por que este “bom” contempla o crescimento intelectual, cultural, obtenção de valores morais etc. O importante deste ser “bom” é que este deve ser um “desejo”, consciente e não apenas algo imposto e que não faça sentido algum.

Dentro da magia, tragédias, sofrimento, tristezas, alegrias, personagens lindos (princesas e fadas) outros nem tão belos (ogros, duendes, anões), bem como diante também da presença de vilões, seres malvados que se não aprenderem a lição, a final serão castigados, eles podem identificar-se, permitindo-se muitas vezes, sair daquele molde ou formato de um mundo irreal a eles impostos por pais, professores etc.

Este mundo em que vivem, por imposição, consciente ou inconsciente de seus cuidadores, pode ser o motivo de suas dificuldades em aprender.

Daí a importância da fantasia do conto de fadas, para que lhes seja permitido vislumbrar alguma possibilidade de sucesso, criando neles a autonomia necessária para que este seja pleno em sua vida.

Como já mencionado anteriormente, acredito realmente que esta atividade pode também na maioria dos casos servir como fonte eficiente para um possível diagnóstico, ainda não totalmente definido, como também é extremamente útil para uma intervenção favorável na busca desta tão almejada autonomia intelectual, alvo de nosso trabalho como psicopedagogos.

Ao final desta pesquisa o leitor atento poderá enriquecer seus conhecimentos tanto quanto à teoria como também com relação à prática e aplicação do conto de fadas e mais especificamente da “fábrica de contos”.

Sendo capaz de constatar sua funcionalidade em seu trabalho diário, desta atividade que poderá de ser um agente facilitador do mesmo.

Para a realização deste trabalho utilizei basicamente uma revisão bibliográfica de obras, Bruno Bettelheim, Jean-Marie Gillig, Diana Lichtenstein e Mário Corso dentre outros. , bem como experiência vivida em estágio supervisionado, onde apliquei a técnica da “fábrica de contos”, obtendo resultado extremamente importante e útil para aquele processo.

No primeiro capítulo é apresentado de forma sucinta o que vem a ser um conto de fadas, sua origem, sua presença ao longo da história da humanidade e finalmente sua aplicação em terapia, mostrando o fascínio e poder que ele pode exercer durante qualquer prática terapêutica, se bem aplicado.

Complementando o capítulo um, pode-se conhecer qual deve ser a estrutura básica dos contos de fadas, a fim de que estes possam ser utilizados de forma a produzirem resultados positivos

Quais os elementos imprescindíveis para a criação deles, como fazê-lo interagir de forma que o mesmo tenha nexos, faça sentido, enfim tenha começo, meio e fim.

Ainda embasando mais o tema, são apresentadas as inúmeras possibilidades que o trabalho com o conto de fadas pode ter.

É mostrado como a visão o imaginário, pode trazer à tona uma realidade reprimida e que por muitas vezes poder ser a causa de possíveis problemas na aprendizagem.

Pode ser ainda percebido neste momento que as possibilidades na utilização do mesmo, podem ir além dos problemas de aprendizagem, elas podem deixar irromper, questões que são de crucial importância para a saúde mental de qualquer paciente, com ou sem alguma modalidade de aprendizagem.

Tendo como base principal os escritos de Jean-Marie Gillig, que por sua vez inspirou-se em Propp, no capítulo dois é apresentado o que vem a ser efetivamente a “fábrica de contos”, suas formas de utilização, suas variáveis e os resultados alcançados com esta prática.

No terceiro capítulo, são descritos o estudo de casos, onde a técnica da “fabrica de contos” foi aplicada, bem como os resultados alcançados.

Fazendo uma relação bem simples entre a teoria e a prática, constatando assim a viabilidade e importância deste instrumento.

Finalmente, entendo que esta pesquisa poderá ajudar àqueles que se interessarem pelo assunto, à medida que, certamente poderão através dela vislumbrar novas e úteis possibilidades para sua prática na clínica psicopedagógica.

## 1. Contos de Fadas

Há maior significado profundo nos contos de fadas que me contaram na infância do que na verdade que a vida me ensina (The Piccolomini. III 4).

Segundo Bettelheim (1980), é tarefa muito difícil e importante ao se educar uma criança fazer com que ele consiga encontrar um significado em sua vida. Só aprendendo a se conhecer melhor, é que ele, gradativamente conseguirá entender a relacionar-se de forma satisfatória com os outros. Isto de preferência deve acontecer se possível de forma elaborada e significativa pelo adulto. Se esta for deixada à mercê dos acasos da vida, com certeza não conseguirá desenvolver os seus recursos interiores, onde as suas emoções, imaginação e intelecto se enriqueçam e ajudem mutuamente.

E é no conto de fadas que segundo Bettelheim (1980), que as crianças podem encontrar este significado. De geração em geração ao longo da história da humanidade estes contos foram encontrados e repassados. Gradativamente eles passaram a transmitir à mente humana significados, manifestos e encobertos, conseguindo atingir simultaneamente adultos sofisticados e crianças ingênuas. Os contos de fadas podem alcançar a mente pré-consciente, consciente ou mesmo inconsciente, levando mensagens importantes, sem haver qualquer importância em que estágio de funcionamento esteja.

Ainda para Bettelheim (1980), eles podem tratar de problemas comuns da humanidade, principalmente aqueles que povoam cérebro das crianças. Histórias estas que tratam dos mais variados temas, como a germinação do Conforme elas se desenrolam vão dando validade e corpo às pressões do id, mostrando, segundo ele, quais os caminhos para satisfazer ou aliviar as pressões conscientes e/ou pré-conscientes, que estão de acordo com as demandas do ego e do superego.

Bettelheim (1980) menciona que histórias modernas escritas para crianças hoje em dia, de certa forma tentam evitar que elas entrem em contato com os problemas existências, mesmo que todos nós em vários momentos da vida tenhamos que entrar

em contato com eles. Estas histórias tendem a sempre mostrar que não existe perigo, sem citar morte, envelhecimento, nem mesmo nada que faça com desejem a vida eterna.

Ainda citando Bettelheim (1980), nos contos de fadas as crianças se defrontam com a morte de um dos progenitores, criando assim para eles problemas angustiantes da mesma forma que esta perda o faz na vida real. É ainda outra característica do conto de fadas criar sempre algum dilema existencial, mas sempre de forma breve e categórica. Para não confundir a mente da criança, este problema aparece em sua forma existencial, sem complexidade, simplificando as situações. O detalhamento, a menos que extremamente importante, não aparece, e as figuras são esboçadas de forma clara. Os personagens são mais típicos do que únicos.

A questão do mal e o bem também são parte importante nos contos de fadas, na visão de Bettelheim.

Citando Bettelheim (1980), o mal nas histórias de fadas não afasta por si só seus atrativos, ele pode ser simbolizado pelo dragão, o gigante poderoso, a poder de uma bruxa, a inteligente rainha na “Branca de Neve”. Este mal pode temporariamente se mostrar vitorioso. Não é fato de o vilão ser punido no final que faz com que o conto de fadas seja importante. O fazer o bem pelo medo da punição é apenas um elemento de intimidação do crime.

Para Bettelheim (1980), o que realmente pode ser eficaz é o fato de que a criança entenda que o crime não compensa, sendo esta a razão pela qual nos contos de fadas o mal na figura do vilão sempre perde. Porém não se pode dizer que a moralidade do conto de fadas seja o fato do bem vencer o mal sempre no final, mas o que realmente e normalmente atrai a criança é o herói, como qual ele se identifica, sofrendo com ele suas lutas. A criança se identifica com o herói, sofre suas provações e posteriormente triunfa com ele. Ao fazer estas identificações por conta própria, todas as lutas do herói, as internas e externas, é que irão dar ao conto de fadas, a moralidade que e espera obter através dos mesmos.

Enfim, que poder e fascínio os contos de fadas podem oferecer!

Como poderemos nós, nossas crianças e adolescentes, vitimizados por um mundo violento e caótico, não nos determos, atentos diante de um bom contador de

histórias, que se nos apresente, de preferência com um belo livro de contos às mãos e que com uma capacidade a ele inerente, possa por alguns instantes fazer nossa mente viajar.

Que poder tem os mesmos, que são capazes de fazer com crianças e mesmo adolescentes que vivem em uma era virtual, sejam transportados para florestas, as quais provavelmente nunca entraram principalmente os que habitam nas grandes cidades?

Se as mesmas fizessem parte de seu cotidiano, provavelmente seriam orientados a não entrarem lá, pois poderiam trazer perigos iminentes. Mas qual o que, com o conto de fadas eles entram e saem delas no momento que quiserem.

O que dizemos dos castelos, quantos já entraram realmente em algum? Quantos já os viram realmente à sua frente? As fadas, princesas, ogros, duendes e muito mais, só fazem parte do imaginário daqueles que ouvem os contos de fadas.

Hoje as crianças não crescem mais dentro da segurança de uma família bem numerosa, ou de uma comunidade bem integrada. Por conseguinte, mais ainda que na época em que os contos de fadas eram inventados, é importante prover a criança moderna com imagens de heróis que partiram para o mundo sozinhos e que, apesar de inicialmente ignorando as coisas últimas, encontram lugares seguros no mundo seguindo seus caminhos com um profunda confiança interior.

O herói do conto de fadas mantém-se por algum tempo em isolamento, assim como a criança moderna com frequência se sente isolada. O herói é ajudado por estar em contato com coisas primitivas – uma árvore, um animal, a natureza – da mesma forma como a criança se sente mais em contato com essas coisas do que a maioria dos adultos. O destino destes heróis convence a criança que, como eles, ela pode ser rejeitada e abandonada no mundo, tateando no escuro, mas, como eles, no decorrer de sua vida ela será guiada passo a passo e receberá ajuda quando necessário. Hoje, ainda mais do que no passado a criança necessita o reassuramento oferecido pela imagem do homem isolado que, contudo é capaz de conseguir relações significativas e compensadoras com o mundo ao seu redor (BETTELHEIM, 1980, p 19 e 20).

### **1.1 – Estrutura básica dos contos de fadas**

Para Jean-Marie Gillig (1999) o conto tem ocupado um lugar especial e bem específico no imaginário das crianças, principalmente quando possuem em seu contexto, acontecimentos sobrenaturais, fadas, ogros e duendes. Eles pertencem a um gênero literário, o chamado conto popular, que no passado era reproduzidos

oralmente em reuniões de camponeses na hora da vigília, por marinheiros e soldados em suas longas viagens. Hoje, porém, podem ter perdido sua consistência, salvo em regiões onde a cultura oral prevalece sobre a escrita.

Jean-Marie Gillig (1999) menciona que ainda hoje, este tipo de conto é objeto de renovação junto a pesquisadores do folclore. Eles ainda transcrevem várias versões, visto que o mesmo normalmente tem mais de uma delas. Cinderela por exemplo, é conhecida em 38 versões francesas, tendo ainda a Alemã dos irmãos Grimm, a indiana, filipina, africana e americana.

Segundo Jean-Marie Gillig (1999), quer os contos sejam para crianças ou para adultos, sejam fictícios ou inspirados em fatos reais, uma coisa eles têm em comum, o fato de que pertencem ao estilo narrativo na literatura. Eles devem ter um início, um desenvolvimento e um fim no tempo da narrativa que é explicitado. Daí que o “Era uma vez...” pode marcar normalmente o início de um deles, sem, contudo, que isto seja uma regra, já que o criador pode querer explicitar um tempo específico, porém não vinculando este tempo ao real momento histórico. Seria o caso de “no tempo em que os desejos ainda se realizavam”.

Jean-Marie Gillig (1999) comenta ainda que os contos podem dispensar este tipo de início, citando como exemplo do “Gato de Botas de Perrault, onde o início é assim: “Um moleiro só deixou como bens, para seus três filhos que tinha seu moinho, seu burro e seu gato.” O conto sempre tem seu desenrolar no passado, utilizando-se os verbos no pretérito imperfeito e perfeito e na maior parte do tempo ignorando a descrição dos lugares e personagens, sendo estes vistos mais como actantes<sup>2</sup> do que propriamente pessoas. Desta forma eles apresentam pouca importância no plano psicológico.

Como informa Jean-Marie Gillig (1999), a partir do final do século XIX, os folcloristas começaram a catalogar os contos populares, fazendo isto com diversas versões, faziam isto em sua própria língua ou mesmo traduzindo-os de algum dialeto francês. Perrault e os irmãos Grimm, também o fizeram só que em menor escala,

---

<sup>2</sup> Segundo o *Dicionário de Semiótica* de A. J. Greimas e J. Courtes, p. 12, “o actante pode ser concebido como aquele que realiza ou que sofre o ato independentemente de qualquer outra determinação”. Assim cita-se L. Tesnière, a quem se deve o termo “actantes são os seres ou as coisas que, a um título qualquer e de um modo qualquer, ainda a título de meros figurantes e da maneira mais passível possível, participam do processo”.

motivo pelo qual são conhecidos mais como adaptadores de contos do que transcritores dos mesmo.

Ainda segundo Jean-Marie Gillig (1999), os especialistas classificam os contos populares, inspirados na classificação internacional de Aarne-Thompson<sup>3</sup> que distingue de maneira arbitrária os contos de animais, numerados de 1 a 299, os contos propriamente ditos de 300 a 1199, os contos faceciosos e em último lugar os contos enumerativos, que são contos em que uma frase é repetida incessantemente e que não tem fim, as duas últimas categorias aqui citadas são numeradas de 1200 a 2340. Isto posto colocamos abaixo a subdivisão os contos propriamente ditos.

Contos maravilhosos, muitas vezes chamados impropriamente contos de fadas, visto que esses personagens intervêm em muito poucos contos. Os personagens sobrenaturais podem muito bem ser feiticeiros, bruxos, duendes, ogros, etc. Na verdade, essa categoria é bastante reduzida no repertório geral;

Contos realistas ou novelas, de estrutura um tanto semelhantes àquela dos contos maravilhosos, mas sem intervenção obrigatória do sobrenatural. O conto das Mil e Uma Noites faz parte deste tipo;

Contos religiosos distintos das lendas;

“Histórias de ogros estúpidos” (GILLIG, 1999, p. 25).

Como sugerido acima por Jean-Marie Gillig (1999), *os contos propriamente dito*, são os que nos interessam nesta categoria *os contos maravilhosos*, são o alvo principal de nosso estudo.

...é importante, quando se quer dar às crianças a possibilidades de produzirem elas mesmas algo cultural, a menos que se acredite apenas no *slogan* da criatividade espontânea, fornecer-lhes o quadro de referência e os códigos de acesso que regem a produção. Enfim, salvo exceção e dom particular, a criança só produzirá bem se tiver experimentado e ao mesmo tempo for capaz de decodificar o objeto dessa experiência em suas regras fundamentais. Isto significa dizer que a experiência cultural teria apenas um valor modesto se a capacidade de análise não viesse completá-la e racionalizá-la e assim dar paradoxalmente novas perspectivas ao imaginário, mas o pedagogo às vezes se esquece de lembrar que necessita inicialmente de uma informação, no sentido literal do termo (dar forma, moldar), e de um tratamento dessa informação. Portanto, importa aqui esclarecer a abordagem teórica do conto através do que chamamos de análise estrutural, originária

<sup>3</sup>. Anthi Aarne ET Stith Thomson, *The types of folktale*, FFC, Helsinki 1928, reeditado em 1961.

dos trabalhos de Vladimir Propp, e apresentar o que não é permitido ignorar, para uma cultura e uma pedagogia do conto, com a preocupação de não cair na armadilha do erudito demais ou do sumário demais (GILLIG, 1999, p.44).

Após estas colocações pode-se concluir que, para a utilização do conto de fadas em qualquer área terapêutica, mas em nosso caso específico na Psicopedagogia, faz-se necessário compreender basicamente sua estrutura, para que a utilização do mesmo seja eficaz tanto na sua forma de aplicação como na obtenção dos resultados.

Para Jean-Marie Gillig (1999), várias são as formas de analisar estruturalmente um conto. Ele menciona como já visto acima, Vladimir Propp e a análise morfológica; A. J. Greimas e o esquema actancial, a lógica narrativa de Claude Brémont, o modelo de Larivaille.

Abaixo, citamos Propp, por que mais adiante trabalharemos com a versão de A.J. Greimas para a formulação e análise de um conto, que como já mencionado por Gillig é a base para a análise da estrutura do conto.

Logo, apesar de trabalharmos mais com atividade proposta por Greimas, não poderíamos deixar de citar Propp, visto como já mencionado anteriormente ser seu trabalho a base para nosso estudo específico, neste trabalho, “a fábrica de contos”.

Segundo Coelho (1987), Propp formulou uma estrutura básica para os contos de fadas, envolvendo início, ruptura, confronto e superação de obstáculos, restauração e desfecho.

O início caracteriza-se pelo aparecimento do herói ou da heroína e do problema que vai desestabilizar a paz inicial, a ruptura, quando o herói vai para o desconhecido, deixando a proteção e se desligando da vida concreta; o confronto e a superação de obstáculos e perigos, quando o herói busca soluções fantasiosas; a restauração é quando se inicia o processo da descoberta do novo, das potencialidades; e o desfecho. E o retorno à realidade, com a união dos opostos, iniciando o processo de crescimento e desenvolvimento (MATTAR, Regina p 43)

## **1.2 – As possibilidades no trabalho com o conto de fadas**

Gillig (1999) cita que Bettelheim procura nos convencer que os contos reais e a maioria das narrações fictícias não podem dar à criança a oportunidade de encontrar

sentido para a vida. Ele diz que várias histórias deste tipo, mesmo prendendo a atenção dos ouvintes não conseguem oferecer nenhuma esperança lógica para o futuro. Psicologicamente, para ele, o conto de fadas convence mais que a narrativa realista, pois a criança encontrará a solução para a situação-problema, a partir do exercício de sua capacidade de imaginação, elemento imprescindível nos contos de fada. Quando Bettelheim fala do real, não se refere a nosso dia-a-dia, mas à realidade interior de cada um de nós. Esta realidade psíquica é que vai nos interessar, já que o conto é capaz de trazer uma resposta imaginária para um conflito real, à medida que coloca a realidade à distância, o que facilitará o contato com ela.

Ainda segundo Gillig, 1999, o conto de fadas é para a criança um discurso real, em uma linguagem simbólica, pois situa-se no imaginário. Podemos ver isto com o “era uma vez... no tempo em que os animais falavam. quando os desejos eram ainda satisfeitos...” Não se pode dizer que alguém é enganado pelos contos de fadas, já que os mesmos não expressam uma realidade exterior, mas simbolicamente expressam realidades internas, que somos capazes de fantasiar a partir de nossas angústias, aspirações.

Nesse sentido, o conto maravilhoso, colocando em cena nossas problemáticas mais íntimas, permite simbolizar o inconsciente coletivo que aí é exprimido em significações mais ou menos ocultas permitindo a projeção e a identificação. Em resumo, como diz Bettelheim, o conto de fadas é o espelho no qual nos reconhecemos com nossos problemas eternos e com propostas de soluções que só podem ser elaboradas na imaginação (GILLIG, 1999 p. 76)

Para Gillig, 1999 os confrontos travados nos contos de fadas com os monstros imaginários, que podem ser das mais variadas formas, autorizam o trabalho da psique na projeção da angústia. Isto não causa traumas à criança. É importante vencer estes monstros, mesmo que seja através do herói com o que se identifica. Muitas vezes no conto, pode de parecer que o mais fraco, o mais tolo não tenham vez, ou que o mais astuto leve vantagem. Isto, contudo no conto acontece, normalmente por um por algum tempo apenas. Quando, no decorrer da história, isto se reverte, através da imaginação, a criança poderá sentir que também é capaz de conseguir êxito no que

almeja. É através do conto que a criança consegue trabalhar com seus fantasmas, já que com sua imaginação pode exercer controle sobre eles, pois neste momento eles não são reais. Como já mencionado anteriormente, o conto de fadas, permite um diálogo intuitivo entre o inconsciente, o pré-consciente e consciente.

No pensamento de Gillig, 1999, os monstros, as bruxas e todos os temíveis personagens dos contos de fadas, não passam de projeções imaginárias dos fantasmas que a criança traz com ela, como o medo de ser devorada, de ser abandonada pelos pais, da rivalidade fraterna. São úteis então os contos de fadas à medida que ajudam às crianças se projetarem nessas histórias, através da figura do herói, e como ele, conseguirem um final feliz. Mesmo após muitas lutas e dificuldades os contos normalmente acabam bem, isto dá a criança tranquilidade. Se não fossem os contos de fadas, dificilmente elas poderiam criar histórias que as ajudassem a vencer o medo. As imagens providas pelos contos de fadas são um material imaginativo necessário para que ela consiga resolver seus problemas. Podemos perceber que a criança costuma pedir para que se repitam a ela os contos terríveis e apavorantes, pois cada vez que isto acontece ela pode ter a certeza de que não será abandonada, devorada, pois ela percebe de alguma forma que isto só acontece no conto, ou seja, no imaginário.

O conto conforme (Gillig, 1999), traça uma fronteira verdadeira entre a ficção e a realidade, proporciona os meios necessários para a elucidar de forma melhor dos mistérios e o sentido da vida, o que é sem dúvida uma difícil tarefa no campo educacional e psicopedagógico.

## 2. A Fábrica de Contos

Jean-Marie **Gillig**, no capítulo 10 de **O conto na Psicopedagogia**, 1999, propõe a técnica da fábrica de contos.

Ela foi utilizada por mim em sua essência, observando todos os elementos necessários para sua aplicação, conforme sugerida por ele, sendo que houve uma pequena variação na sua forma, conforme será descrito abaixo.

A atividade foi aplicada a três pacientes (só é descrito aqui o resultado obtido por dois, visto que um praticamente não teve participação no processo), a partir da escolha dos elementos importantes para a “fabricação” do conto, conforme descrito abaixo:

O **herói** corresponde ao actante sujeito e ao actante destinatário.  
 O **ponto de partida** não é propriamente um actante, mas é o desencadeador da história, em particular na parte dois da narrativa (o meio). Em certos casos, pode corresponder ao actante destinatário, ou seja, à força que conduz o sujeito.  
 O **objetivo** é o actante objeto (da busca).  
 O **inimigo** é o actante oponente.  
 O **amigo** é o actante adjuvante.  
 O **objeto mágico** é raramente o actante objeto, mas parece presente em muitos contos para levar o sujeito à conquista do objeto. Nesse caso, corresponde também ao actante destinador, como um bilhete de loteria premiado, por exemplo, corresponderá a uma nova força que conduz o sujeito ao objeto que ele adquirirá graças a essa riqueza.  
 O **lugar** não é um actante, mas parece útil à estruturação do esquema narrativo por situar a ação (GILLIG, 1999 p. 134)

No texto transcrito acima podemos encontrar palavras como: *actante destinatário*, *actante objeto*, *actante oponente*, *actante adjuvante* e *actante destinador*, sendo que **actante** é a palavra que se repete em todos os termos citados, é única que mereceu neste trabalho uma definição (vide nota de rodapé página 17). Um estudo aprofundado destes termos deve ser alvo de outro estudo.

Para este trabalho é importante observar-se as palavras em negrito do texto acima reproduzido da obra de Gillig, foram estas as únicas citadas aos pacientes, para a execução da atividade.

Abaixo vemos outro texto de Gillig, agora sobre as regras do jogo de forma coletiva, tanto em clínica como em sala de aula.

A máquina é fabricada com um painel laminado branco (de 100 cm por 70 cm) no qual fixamos, com sete parafusos e sete porcas borboletas, sete discos (18 cm de diâmetro) em papel plastificado contendo um furo de 10 mm no centro para a rotação com o dedo.

Cada disco tem um título e contém oito paradigmas diferentes de personagens, objetos ou situações, o que possibilita múltiplos enredos de contos por combinação sintagmática (GILLIG, 1999 p. 131).

Abaixo sugestão dada por Gillig sobre o inventário dos elementos do conto, que pode ser utilizado exatamente como aí se encontra. Neste caso o terapeuta já trás oito opções para cada um dos elementos que formarão o conto a ser criado, vale aqui ressaltar que neste trabalho, a aplicação da atividade sofreu alguma variação na sua aplicação, o que poderá ser percebida no decorrer do mesmo, isto é plenamente possível segundo o autor.

1. **O herói:** um duende – um pescador – uma princesa – um animal – um soldado – um pobre lenhador – um príncipe – uma pastora.
2. **O ponto de partida:** uma música distante – uma mensagem dos marcianos – uma chamada telefônica anônima – uma garrafa com uma mensagem – um sonho estranho – um raio laser no céu – um plano secreto – uma pista misteriosa.
3. **O objetivo:** tornar-se rico – tornar-se muito forte – tornar-se célebre – encontrar o amor – tornar-se um cientista – voltar a ser bebê – nunca envelhecer – tornar-se rei.
4. **O lugar:** um topo de uma montanha – uma gruta escura – o planeta dos macacos – um arranha-céu – uma ilha deserta – as profundezas da floresta – as profundezas do mar – um castelo abandonado.
5. **Um inimigo:** um policial – um monstro – um ogro – um gigante – um dragão – uma bruxa – um robô – Doutor Folamour.
6. **Um amigo:** um homem velho – super-homem – uma vidente – um carateca – um mágico – um nobre cavaleiro – um cavaleiro – um extraterrestre.
7. **O objeto mágico:** uma forma que torna invisível – um tesouro – um tapete voador – um bilhete de loteria premiado – um soro da verdade – patins de rodinhas com reação – uma carta mágica – uma chave que abre todas as fechaduras (GILLIG, 1999 p. 131 e 131).

Continuando com as explicações de Gillig, sobre o jogo, segue sugestão para a forma de execução do mesmo. É importante observar que no texto fica evidenciado que ele está sugerido, neste momento, para uma sala de aula, onde com certeza pode ser também amplamente aproveitado, o que não o desabilita para a clínica psicopedagógica.

Começa-se pela escolha de um elemento em cada disco, girando-o segundo as sugestões dos alunos, até fazer coincidir com a seta. Obtém-se, por exemplo, a série: um pescador – uma garrafa com uma mensagem – tornar-se rico – uma ilha deserta – um dragão – um mágico – um tesouro. Os elementos indispensáveis à criação de um conto são assim determinados. Deverão aparecer no relato oral do qual participam todos os alunos da classe (GILLIG, 1999, p 132).

A atividade foi realizada com a sugestão dos próprios pacientes, para cada elemento necessário na elaboração do conto, sendo que ao final havia um número de seis para cada item.

Foi solicitado que eles que sugerissem elementos do seu dia-a-dia, evitando as opções relacionadas a contos de fadas convencionais (fadas, duendes, bruxas, ogros, castelos, florestas), bem como personagens de histórias fictícias modernas de monstros ou super-heróis.

Estes elementos foram escritos em pedaços de papel, previamente cortados e que depois foram colados de forma visível para todos, em uma parede à frente deles.

Após todas as sugestões, formou-se uma tabela da qual foi sorteado um elemento de cada um dos itens, o que pode ser percebido através do negrito **(anexo)**. Mas à frente neste trabalho será importante que esta seja observada. Cada item está identificado com a inicial do nome do paciente que o sugeriu. São elas **L**, **A** e **M** (não faz parte deste estudo de caso).

Na seqüência foi solicitado a cada paciente que criasse seu próprio conto com os referidos elementos escolhidos por sorteio.

Eles o fizeram de forma escrita e com posterior leitura para os colegas. É importante observar que eles trabalham nesta atividade com competências como a narrativa, a escrita, bem como de forma ampla e efetiva com a criatividade.

Ainda foi solicitado que individualmente fizessem um desenho para cada um dos elementos do conto criado por eles, mais à frente também serão comentados de forma sucinta os seus desenhos.

É extremamente relevante observar aqui, que dentre as várias possibilidades de análise e observação que esta atividade oferece, ainda podemos usar o desenho, se assim desejarmos, para complemento de dados importantes com fins de diagnóstico psicopedagógico.

Podemos evidenciar que nesta atividade, mesmo não sendo ela a forma tradicional de utilização dos contos de fadas (leitura ou narrativa de um conto já existente), as demandas, as angústias, as inquietações, as dúvidas, os medos, enfim muitos dos elementos já descritos no decorrer deste trabalho aparecem de forma incontestável, corroborando assim para confirmar as inúmeras possibilidades positivas no que se refere aos contos.

Segundo Gillig, 1999, esta atividade pode ser aplicada tanto de forma coletiva como individual.

É importante perceber que dentro desta atividade podemos encontrar variáveis na forma a ser escolhida para sua aplicação. Isto certamente dependerá das condições do ambiente, criatividade de terapeuta, ou mesmo da necessidade de alguma observação específica que se faça necessária.

### 3. Estudo de Caso

A partir de agora, passamos à descrição do perfil dos pacientes que neste trabalho são alvo de estudo. Será transcrita a anamnese realizada alguns meses antes da aplicação desta atividade “fábrica de conto”, pois esta é ponto importante neste contexto.

Em seguida é feita uma análise de cada caso, mencionando a participação os pacientes na “fábrica de contos”, mostrando assim como esta atividade cumpre de forma eficiente o papel a que se destina que é o mote deste trabalho.

Os pacientes são identificados apenas pela primeira letra de seu nome, a fim de preservar o sigilo que a terapia garante.

#### 3.1 – L 14 anos – Hiperassimilativo-Hipoacomodativo

L é filho de uma professora das séries iniciais ou “polivalente” conforme colocação dela em nosso primeiro contato.

Diz não conformar-se com o fato de que o filho de uma professora tenha problemas de aprendizagem.

Informa que ele só foi alfabetizado na 2ª Série. Segundo ela, as maiores dificuldades de L são em matemática.

Observa ainda que ele não consegue se organizar para fazer as atividades escolares, ela ou a irmã, mais velha, têm sempre que ajudá-lo.

Ainda segundo a mãe, o filho não tem problemas de comportamento, mas sim de falta de interesse em estudar.

Menciona que o pai de L é alcoólatra e ao falar isto, tenta responsabilizá-lo pelas dificuldades do filho, já que sofreu muito com este problema desde a gestação.

Segundo a mãe o alcoolismo do pai teria sido o principal motivo da separação do casal.

Após conversa com a mãe, **L** entra na sala, um tanto tímido, mas sorridente. Num primeiro momento disse não saber por que estava lá. Depois disse que talvez fosse por ter dificuldades em matemática, mas que agora já havia melhorado.

Abaixo transcrição da anamnese realizada com a presença dos pais.

O pai veio sem questionar, parecia haver bebido um pouco, mas estava bem vestido e conversou normalmente.

A mãe sempre falou mais durante todo o tempo. Ele em alguns momentos falou e respondeu às minhas perguntas, contudo sempre mais calado.

**L** mora com a mãe e uma irmã quatro anos mais velha que ele, fruto de um relacionamento anterior da mãe. Tem dois irmãos mais velhos, 28 e 30 anos, filhos do primeiro casamento do pai.

Segundo informações da mãe ele começou freqüentar a escola aos cinco anos. Com sete anos iniciou a primeira série. Ao final desta, ainda não lia. Só foi alfabetizado na 2ª série, com a ajuda da professora e da mãe.

A professora, segundo a mãe, dizia que ele era muito carente. Cursa atualmente a 7ª série.

A gravidez de **L**, não foi planejada, os pais namoravam há mais ou menos um mês. Após a gravidez foram morar juntos. Nunca se casaram oficialmente. O relacionamento durou aproximadamente 12 anos. Hoje estão separados há pouco mais de um ano.

Ela disse ter ajudado a cuidar dos filhos do primeiro casamento dele.

Disseram que não tinham preferência de sexo da criança durante a gravidez.

Com relação ao nome, a mãe disse querer “Rauite”, o pai não gostou e pediu para que pusessem o nome do pai dele. Ela disse que como gostava do sogro concordou.

A mãe disse que só enjoou no início da gravidez. Mencionou que tinha um mioma o que poderia, segundo ela, causar um aborto. O pai disse não acreditar

quando ela falava na possibilidade de aborto, achava que era psicológico, da cabeça dela.

Segundo a mãe, o pai, mesmo bebendo, sempre a levou aos exames de pré-natal.

No dia do parto, o médico disse que não ouvia o coração da criança. Perguntaram se ela estava sentindo alguma coisa, ela disse que não.

Quando L nasceu, a mãe disse que ele não chorou. Necessitou ser colocado em “aparelhos especiais”, não sabe exatamente quais. Ele foi levado para o 4º andar. Somente no dia seguinte ficou sabendo que ele era normal.

Só amamentou por mais ou menos dois meses, tinha pouco leite. Ainda no hospital recebeu leite do banco de leite. Ao chegarem a casa, o pai já foi comprar leite. Mesmo durante o curto período de amamentação, já intercalava com a mamadeira. Ela era muito nervosa.

Enquanto falávamos sobre a amamentação, o pai se manifesta dizendo: “Minha primeira mulher tinha seios pequenos e teve muito leite, ela tem seios grandes e não teve quase leite. Existe alguma relação entre isto”?

Durante o período de amamentação, L queria mamar de uma em uma hora. À noite, após a última mamada dormia a noite inteira.

Aos quatro meses e meio, começou a aceitar alimentos sólidos, ele aceitava bem “mucilon” e frutas. Mamou até os cinco anos (mamadeira) mesmo após comer, tomava mamadeira.

Chupou a chupeta até os cinco anos, deixou junto com a mamadeira, quando foi para a escola.

Não teve dificuldades em utilizar o copo para beber líquidos, mas segundo a mãe, até os cinco anos ele só tomava o leite na mamadeira.

Os pais concordaram que foi “papai” a primeira palavra que falou. Neste momento a mãe expressa certo descontentamento com isto, dizendo que ela fazia tudo e a primeira palavra dele é “papai”.

Só andou com mais de dois anos. Quando deu seus primeiros passos era o pai quem estava com ele.

Sobre a alimentação de **L** hoje, a mãe diz que ele só gosta de besteiras, exemplo: pizza. Tem dias que almoça e janta, em outros é preciso insistência para que ele coma. Mesmo colocando pouca comida no prato sempre deixa um resto.

A fralda foi retirada quando **L** tinha aproximadamente um ano. Segundo a mãe não houve dificuldades, aos poucos tirou a diurna e depois a noturna.

Neste período, a mãe que trabalhava fora, teve o auxílio de uma pessoa que cuidava de **L**. Esta pessoa, segundo ela, também ajudou a cuidar do filho mais novo do pai e da sua filha mais velha.

**L** foi criado muito dentro de casa com o irmão e a irmã. Disse a mãe, que ao começar a relacionar-se com os outros nunca teve problemas.

Abaixo algumas outras informações que surgiram durante a anamnese.

A mãe sempre procurava jogar a culpa dos problemas de **L** no pai e ele retrucava: “será que é tudo culpa minha?”

Ela diz que no primeiro casamento (viúvo), o pai chegou a perder a condição de ver os filhos por causa da bebida (ele não discorda).

Segundo a mãe, os filhos tinham medo dele.

Disse que ele já passou por vários processos de desintoxicação, mas sempre tem recaídas.

A mãe disse que não deixa que ele leve o filho à terapia por causa da bebida, disse que o próprio **L** não quer ir com o pai.

Os pais o acham muito “caladão”, dizem que ele sofre quieto.

Ela me conta que como a UNISA levou quase um ano para chamá-lo o pai o levou a um psiquiatra. Só houve uma consulta clínica e nada mais, já se passaram mais ou menos cinco meses.

O médico disse que procurassem uma clínica para adolescentes por causa dos problemas com a comida e por ser muito desligado.

Com base nas informações colhidas durante a anamnese, procedimentos básicos, diagnóstico e intervenção psicopedagógica, podemos constatar que L apresenta a modalidade de aprendizagem hiperassimilativa-hipoacomodativa.

Hiperassimilação: pode ocorrer uma internalização prematura dos esquemas, com predomínio lúdico que, em vez de permitir a antecipação de transformações possíveis, desrealiza negativamente o pensamento da criança.

Hipoacomodação: aparece quando não se respeitou o tempo da criança nem sua necessidade de repetir muitas vezes as mesmas experiências (FERNÁNDEZ, 2001 p. 83).

Para L a figura paterna, apesar de ser desvalorizada pela mãe, é muito significativa e importante.

Esta super valorização do pai, pode acontecer para agredir a mãe, já que não mantém com ela um bom relacionamento (ela é quem mora com ele e faz todas as cobranças, não parece ter aí nenhuma ajuda do pai). L reclama constantemente de suas atitudes. Diz que ela não o entende, que só o critica.

Segundo ele, a mãe sempre o irrita, o deixa muito nervoso, sendo que várias vezes o acusa injustamente. Mencionou em vários momentos que fica sempre com muita raiva dela.

Em nenhum momento, no entanto, ele assume declaradamente que não goste dela, mas não a poupa de críticas.

Fica claro através da anamnese que ela o “rejeitou” (não era desejado naquele momento) desde a gestação e que praticamente não o amamentou. Conforme já mencionado na anamnese ele tem problemas de ordem alimentar. Provavelmente isto seja uma forma de rejeitar o alimento oferecido por ela hoje, já que o mesmo lhe foi “negado” nos primeiros meses de vida.

L diz ficar muito incomodado quando a mãe o critica dizendo, que ele será “um ninguém”, igual ao pai. Ou seja, ela sempre faz questão de compará-lo de forma negativa ao pai.

Podemos sentir aí também que a postura do pai é cômoda, já que não participa do dia-a-dia de L. Pelo que podemos perceber ele não se esquiva em atender a mãe quando esta solicita alguma coisa em relação a L. Contudo parece não se envolver na educação do filho. Desta forma não é ele quem briga cobra ou critica, conforme já comentado acima.

O nível cultural do pai não parece exigir muito de L. Não parece mimá-lo constantemente, por outro lado, também não entra em conflito com ele. Como não é uma presença diária na vida do filho, dificilmente cobra dele que coloque os pés na realidade da vida, com seus problemas e lutas. Não cobra dele a necessidade de estudar e aprender.

Segundo a leitura de L, o pai só foi embora por causa de mãe, sendo que ele diz que a questão do alcoolismo mencionada pela mãe, não era assim tão séria como ela fala. Não nega que o pai bebia, mas segundo ele não causava nenhum problema com isto.

A mãe por sua vez, chama o filho para a realidade, cobrando resultados satisfatórios em seus estudos bem como um comportamento mais sereno, menos agressivo.

L é um adolescente que vive em um mundo irreal, gosta de videogame, jogos de computador, filmes de terror, tem simpatia pelos anti-heróis, suas músicas prediletas são as de “hard rock” com letras violentas.

Mesmo sendo estes interesses comuns entre os adolescentes, me parece que L está em uma fase em que idealiza um mundo da mesma forma que nos jogos, filmes e músicas. Fala constantemente sobre eles, imaginando sempre como seria se pudesse ser igual a algum deles.

Dificilmente brinca na rua ou conta episódios de sua vida onde possa ser percebido sentimento de tristeza, alegria ou outros. Parece sempre estar alheio ao

que acontece a seu redor, tudo está bom, vai se resolver, por vezes parece não querer enxergar alguns problemas.

Seu dia consiste em ir à escola, voltar “comer” alguma coisa, quando o faz, realizar os deveres escolares e depois mergulhar neste mundo virtual, só parando para ir dormir.

L é um adolescente que está alfabetizado, tem, porém dificuldades para redigir textos com coerência e mesmo para fazer uma leitura correta tanto de elementos escritos como de qualquer atividade sugerida. Apresenta muita dificuldade de concentração e não consegue admitir que não sabe.

É importante mencionar a figura da irmã que mora com ele fruto de um relacionamento anterior da mãe. Ela parece ser uma extensão da figura materna, segundo ele, a irmã sempre reproduz os desejos e as ordens da mãe. Além dos problemas normais de relacionamento entre irmãos, o deles parece ser diferente, já que ela não parece ser vista como amiga ou companheira em nenhum momento.

Já os irmãos por parte de pai, que não moram com ele, são vistos como interessantes, “legais”.

Resumindo o que foi descrito até aqui, L não aceita a vida que tem, busca criar um universo paralelo, através de artifícios virtuais e tende a idealizar uma vida melhor da que não tem com o pai e os irmãos.

Ou seja, o que tem é ruim, o que não pode ter seria muito melhor, já que não pode mudar a realidade, transita por ela superficialmente, buscando identificação com um mundo irreal, imaginário, mas que não o ajuda e enfrentar o real.

Segundo o que escreve Fernández 2001, me parece evidente a necessidade que L tem de articular-se com a identidade, precisando construir ou reconstruir suas próprias identificações, diferenciando-o dos pais, de nós, do outro.

Ainda segundo Fernández 2001, entendo que ele precise recordar para aprender a reinscrever, reinventar sua própria história.

A partir de agora segue a descrição de como foi a aplicação de atividade da “fábrica de contos” com L.

A atividade foi aplicada conforme já descrita no início do capítulo dois.

Só para facilitar a continuidade da leitura deste relembro os elementos solicitados para a elaboração do conto: herói, amigo do herói, vilão, cenário, objeto mágico, objetivo, ponto de partida.

Foram dadas seis sugestões para cada item.

As sugestões dadas por **L** seguem abaixo:

**Herói:** Super irmã, Mãe poderosa, Super pai.

**Amigo do herói:** Super pai, Irmão fortão, Cachorro brincalhão, Primo valoroso.

É interessante observar como as sugestões dos itens acima refletem a sua realidade, mostrando seus pensamentos e desejos normalmente ocultados, quando fala sobre a mãe, irmã, pai, irmãos.

**Vilão:** Professor de equação de 2º. Grau maldita, professora de ciências doidona, professor da sala de leitura, professor de português.

Aqui fica claramente evidenciado seu problema com a aprendizagem, no elemento vilão só aparecem personagens da escola. Como acontece normalmente tenta desqualificar seu ambiente escolar.

**Cenário:** A laje do super pai (churrasco), pracinha das drogas, super cozinha (TV e videogame).

No cenário, mais uma vez a idealização do pai e sua forte ligação com a TV e os jogos de videogame, coisas que de certa forma o afastam da realidade.

**Objeto Mágico:** Videogame simulador (transferidor – transportar pessoas), bicicleta voadora, O PC (computador) metralhador (só de sedativos).

Acima mais uma vez sua realidade virtual vindo à tona, mostrando sua dificuldade em encontrar-se com o real. Também mostrando de certa forma, sua necessidade de viver neste mudo virtual, onde ele tem poder.

**Objetivo:** Aposentar a mãe super poderosa, Colocar uma base da PM na pracinha das drogas, fazer a super-irmã deixar de ser chata.

No objetivo, os problemas com a mãe e a irmã aparecem de forma clara mais uma vez. A questão da polícia militar sendo citada, também mostra uma idealização de um poder (em outros momentos do tratamento ele já utilizou esta referência) que talvez, para ele o mais próximo que exista no mundo real, dos heróis ou anti-heróis de seus jogos.

**Ponto de partida:** No ponto de partida ele circulou por extremos, tentou enxergar a crueldade ou realidade ruim do mundo (pracinha das drogas, numa noite de tempestade) e coisas mais simples, mais infantilizadas (feriado do dia das crianças e era uma vez).

Após escolhidos todos os elementos foram sorteados, como sugerido na atividade, um de cada, para que houvesse uma produção escrita, narrativa e trabalho com desenho.

Abaixo os itens sorteados:

**Herói:** prima carinhosa

**Amigo do herói:** tio legal

**Vilão:** professor de português

**Cenário:** pracinha das drogas

**Objeto mágico:** bicicleta voadora

**Objetivo:** fazer a super irmã, deixar de ser chata

**Ponto de Partida:** em uma tarde de segunda feira

Com relação aos desenhos, ele como sempre demonstrou pouca motivação.

Preferiu usar colagem na maioria dos casos, o que é mais fácil, já que tem muita dificuldade em fazer o que é solicitado ou que “dê” mais trabalho.

Os desenhos que fez, foram simples, sem muito capricho.

Escreveu sem erros de grafia, mas sem pontuação e em um único parágrafo.

Na sua narrativa ele conseguiu usar todos os elementos solicitados, tentando estabelecer uma lógica, que mostrou muito seu perfil já escrito.

Abaixo reprodução a história que ele escreveu, nela não têm erros ortográficos, porém a pontuação está da forma feita por ele.

*“Em uma tarde de segunda feira ensolarada na pracinha das drogas a heroína, prima carinhosa soube que a super irmã estava muito chata mais isso tudo por causa da professora de português então a prima carinhosa e seu amigo o tio legal foram atrás do professor nos confins da terra de não sei o nome que fica em baixo da pracinha das drogas depois da luta contra o professor já cansados foram atrás da super irmã e desfizeram o mal que o professor tinha colocado nela e então viveram felizes. Fim!!!”*

Com tudo acima exposto, podemos identificar vários aspectos importantes na vida de L, tanto conscientes como os inconscientes, que com certeza são preponderantes para ele apresente hoje uma modalidade de aprendizagem hiperassimilativa-hipoacomodativa, bem como com os mesmo confirmarmos este diagnóstico.

### **3.2 – A 14 anos – Hipoassimilativo-Hiperacomodativo**

A é descrito pela mãe como muito nervoso, dizendo que por vezes agride os colegas fisicamente.

Diz ela que na 2ª série foi chamado de burro por uma professora e a partir daí não aprendeu mais nada.

Só foi alfabetizado na 3ª série por uma professora que o colocou como alguém que não era burro e que era capaz de aprender.

Na 4ª série estudou com a mesma professora, estava indo bem, mas agora, na 5ª série com tantos professores está com muita dificuldade.

Recebe muitas críticas da família e na escola, o chamam de louco.

Não gosta e não consegue estudar.

Ela disse que criou os dois filhos, praticamente sozinha. O **A** tem um irmão dois anos mais novo que ele. Segundo a mãe este não tem problemas para aprender.

É separada do pai de **A**, que já está casado novamente. O pai, segundo ela não tem um bom relacionamento com **A**. Segundo ela, eles brigam muito.

O **A** mostra-se um garoto de comunicação fácil, apresenta uma pequena gagueira e alguma dificuldade para se expressar, parece ter que pensar bastante para fazê-lo, talvez para tentar esconder o fato de gaguejar.

Dos três pacientes na sessão é o primeiro a dizer o motivo pelo qual acha que está ali, apesar de usar poucas palavras para fazê-lo.

Acha que deve ser porque tem problemas em matemática e português.

A partir daqui a descrição da anamnese realizada com os pais do **A**.

Neste dia os pais chegaram bastante atrasados. A mãe disse que se atrasaram porque ela teve que ir se encontrar com o pai e por este motivo se atrasou.

Todas as respostas foram dadas pela mãe. O pai não fazia questão de falar e quando eu insistia para que falasse, ela sempre completava o que ele dizia.

E extremamente quieto, o pai, tinha dificuldades para expor o seu pensamento e normalmente a mãe o ajudava.

Ele sempre alegou não sabia muita coisa e não participou muito na vida dos filhos, pois se tornou pai muito cedo.

A mãe dona de casa está de licença médica com problemas no joelho, anda com uma bengala. Está aguardando autorização do SUS para fazer a cirurgia do menisco.

O pai é mecânico de automóveis.

Os pais são divorciados há nove anos.

**A**, começou a freqüentar a escola com quatro anos de idade na pré-escola. Com seis anos e pouco foi para a 1ª série.

Foi reprovado na 2ª, 3ª e 4ª séries. Cursa atualmente a 5ª série.

Quando a mãe engravidou os pais eram namorados, então foram morar juntos. A família da mãe não aceitava o pai de **A**.

Romperam o relacionamento com a família dela por algum tempo.

Depois de dois anos ela engravidou novamente.

Neste período casaram-se oficialmente.

A gravidez de **A** não foi planejada, segundo a mãe o pai era uma “criança”, pois tinha apenas 18 anos ela tinha 22.

Pela “imaturidade” dele, nunca conseguiu ser o pai que precisava ser. Isto foi falado não como acusação, mas como, atenuante ao comportamento ausente do pai.

Disseram não ter preferência de sexo, só queriam que tivesse boa saúde.

O pai foi quem escolheu o nome do filho.

Segundo a mãe a gravidez transcorreu sem problemas. Só enjoou até os quatro meses. Sempre minimizando a ausência do pai, a mãe diz que ele não participou na gravidez, pois era muito novo.

O parto foi normal. **A** chorou normalmente.

Ele o amamentou até os dois meses. A mãe disse que após o nascimento do **A**, a família passou a aceitar o casamento. Hoje moram juntos com os avós paternos. Segundo ela **A** gosta deles.

Normalmente o pai não via o momento da amamentação, ele estava sempre muito ausente, novamente ela diz “ele era muito novo”, ele concorda.

O tempo entre uma mamada e outra era de mais ou menos três horas.

A partir dos cinco meses ela começou a introduzir os alimentos sólidos. Segundo ela, **A** gostou de tudo.

**A** mamou e chupou chupeta até os quatro anos, quando começou ir para a escola, passou a ter vergonha dos colegas e, segundo ela, deixou facilmente.

Desde os quatro anos mais ou menos ele passou a utilizar o copo para tomar líquidos.

Suas primeiras palavras foram: “papai”, “catoto” (cavalo), segundo a mãe ele gostava de cavalos (durante as sessões isto já foi confirmado pelo **A**), “dá”, “qué”.

Com um ano e três meses começou a andar, estava na creche onde ficava, pois a mãe trabalhava fora.

Com relação à alimentação ela diz que ele come bem, não rejeita nada, até de verduras e legumes ele gosta.

Começou a alimentar-se sozinho com dois anos e meio mais ou menos.

Aos dois deixou de usar fraldas. As “tias” da creche e ela participaram neste processo.

Na questão do seu relacionamento com os outros a mãe diz que ele sempre foi muito medroso.

Segundo a mãe, **A** sempre teve muito dificuldade para memorizar as coisas de um modo geral.

Na pré-escola começou a gaguejar e gagueja até hoje. Já fez tratamento com fonoaudióloga.

A maior parte de sua vida morou na casa da família da mãe, eram 12 pessoas, hoje são nove.

Segundo a mãe, quando os pais se separaram, ele sentiu-se culpado, pois tinha visto o pai com outra mulher e contado para a mãe.

Logo depois deste fato eles se separaram, ele achou que foi por culpa dele.

Segundo ela, o fato da traição do esposo, não foi novidade para ela, o casal já estava em crise.

Ficou muito claro que pai é muito ausente na vida do filho, não tem nenhuma rotina para ficar com ele.

Ele fala muito pouco mesmo, ela fala bastante, o pai não precisa se preocupar com o que falar, pois a mãe sempre se adianta a ele.

Na época da anamnese, fazia mais ou menos quatro meses que o pai não tinha contato com o filho.

Com base nas informações colhidas durante a anamnese, procedimentos básicos, diagnóstico e intervenção psicopedagógica, podemos constatar que **A** apresenta a modalidade de aprendizagem hipoassimilativa-hiperacomodativa.

Hipoassimilação: os esquemas dos objetos permanecem empobrecidos, como também a capacidade de coordená-los. Isso redundará em um déficit lúdico e na disfunção do papel antecipatório da imaginação criadora.

Hiperacomodação: houve uma superestimulação da imitação. A criança pode cumprir com as consignas atuais, mas não dispõe com facilidade de suas expectativas nem de sua experiência prévia (FERNÁNDEZ, 2001, p 83).

O **A** apresenta, conforme Fernández, 2001, características de quem tem medo de se posicionar, parece sentir-se sempre culpado pelo que ocorre em sua vida, ou a seu redor. Tem dificuldades para criar o seu conhecimento. Tende a imitação excessiva e a tornar-se extremamente submisso.

Parece achar que não tem direitos, ou que não pode tê-los, precisa corresponder essencialmente às expectativas dos outros.

Sente muito a ausência do pai e parece ser muito amigo da mãe.

Esta por sua vez tem uma postura cômoda, é amiga dos filhos, na maior parte do tempo. Quando ocorre algum problema mais grave, chama o pai, que comparece para bater nos filhos.

Entendo que o afastamento que a mãe teve de sua família, logo após ter engravidado do **A** e passado a viver com o pai dele, possa ter iniciado nele, um processo de culpar-se.

Afinal se não houvesse ocorrido a gravidez (sua existência), isto poderia ter não acontecido.

É de se esperar que este período tenha sido complicado para a mãe, o que com certeza repercutiu nele.

Só mais tarde, após a gravidez do irmão e o casamento dos pais é que o relacionamento da mãe com sua família começa a melhorar.

Parece-nos também que o **A**, nunca se sentiu muito aceito nesta família.

Outra questão importante já mencionada acima é o fato dele sentir-se, declaradamente culpado pela separação dos pais.

Isto ocorreu quando ele tinha cinco anos e viu o pai com outra mulher, contou para mãe, logo depois os pais se separaram.

Mesmo a mãe dizendo que o casal já tinha problemas, e a separação seria inevitável isto parece não ter aliviado seu sentimento de culpa.

Parece ter-se criado nele um sentimento de “não querer saber”, que dentro do contexto de sua vida parece ter sido sempre doloroso.

A partir de agora segue a descrição de como foi a aplicação de atividade da “fábrica de contos” com **A**.

As sugestões dadas por **A** seguem abaixo:

**Herói:** tio bondoso, prima carinhosa.

**Amigo do herói:** prima importante, tio legal.

Com relação aos elementos acima, podemos perceber claramente, a importância que o **A** procura dar à família e aos laços familiares.

A família é super valorizada por ele. Isto tem ligação com o fato de precisar auto afirmar-se, ele não se dá o direito de ter uma vida própria, logo, idealiza a dos outros colocando-se junto deles, apenas como coadjuvante, parece sempre ser o

culpado, precisa sempre agradar, “redimir-se” de uma culpa que em algum momento se instalou em sua vida.

**Vilão:** tia do pedaço de fio (para bater), professora de educação física (joga bolas nas pessoas).

A tia que bate com fio, mostra a meu ver, de forma não explícita, o problema da violência do pai, que segundo ele, bate muito, tanto nele como no irmão.

Ele não escolheu explicitamente nenhum elemento relacionado ao fato, que parece querer ignorar, nunca fala sobre ele.

A mãe normalmente não bate, liga para o pai e este vem até a casa deles, apenas para bater, nunca para conversar.

O **A** parece ter medo de falar mal das pessoas, não se permite ter idéias próprias, quando as expressa é de forma insegura e tende a mudar facilmente o que pensa para não desagradar aos outros, mesmo que isto não faça feliz.

A professora de educação física que joga bola nas pessoas, não me passa realmente a figura de uma vilã é apenas um elemento do seu ambiente escolar, no qual tem algumas dificuldades.

**Cenário:** jardim da casa do tio, cidade da tia.

No cenário, novamente elementos da família, como se isto fosse a única segurança em sua vida.

**Objetivo:** Arrumar um emprego para o tio legal, limpar a cidade da tia, expulsar o professor de matemática.

Seu objetivo também está relacionado em fazer o bem a familiares. Com relação à escola, local onde aparecem seus problemas de aprendizagem, fala da expulsão do professor de matemática, com quem tem apresentado problemas de relacionamento.

Acho interessante observar, que ele apenas fala na expulsão dele, sem permitir-se novamente expressar algum desejo mais cruel, onde possa aparecer raiva.

**Ponto de partida:** passou um carro de polícia, parou e enquadrando todo mundo, em uma tarde de segunda-feira.

Com relação ao ponto de partida, mencionou algo que com certeza faz parte do seu dia-a-dia, ele fica muito tempo brincando na rua.

Certamente em sua comunidade não deve ser incomum presenciar ou ouvir falar da polícia “enquadrando” as pessoas.

A segunda feira à tarde, parece algo muito sem graça, sem emoção, sem desejo, como podemos observar ser sua vida.

Após escolhidos todos os elementos foram sorteados, como sugerido na atividade, um de cada, para que houvesse uma produção escrita, narrativa e trabalho com desenho.

Abaixo os itens sorteados:

**Herói:** - prima carinhosa

**Amigo do herói:** tio legal

**Vilão:** professor de português

**Cenário:** pracinha das drogas

**Objeto mágico:** bicicleta voadora

**Objetivo:** fazer a super irmã, deixar de ser chata

**Ponto de Partida:** em uma tarde de segunda feira

Os seus desenhos mostraram o mesmo padrão nos detalhes, mas algumas coisas não se encaixavam totalmente dentro do pedido. Desenhos claros, bem coloridos, mas sem grande criatividade.

Abaixo sua narrativa, exatamente como ele a produziu.

*“Em um tarde de segunda feira a prima carinhosa tinha dado uma bicicleta voadora para o tio legal para ele “caminha” “preto” da pracinha das drogas com o vilão e com o professor de português”.*

Seu texto além de erros ortográficos, também não teve nexos, já que o herói presenteou o vilão com o objeto mágico e nada foi feito com relação ao objetivo.

Com tudo acima exposto, podemos identificar vários aspectos importantes na vida de A, tanto conscientes como os inconscientes, que com certeza são preponderantes para ele apresente hoje uma modalidade de aprendizagem hipoassimilativa-hiperacomodativa, bem como com os mesmos confirmarmos este diagnóstico.

## Conclusão

Ao final deste trabalho entendemos ter ficado confirmado que a utilização dos contos de fadas, na prática terapêutica, principalmente na clínica psicopedagógica, pode muito em seus resultados.

Através do falar de autores importantes citados durante o mesmo, pode-se perceber e conhecer um pouco da origem, possibilidades e formato ideal de um conto de fadas.

Sem a todo instante o objetivo principal focar de forma mais clara e específica a atividade conhecida como “fábrica de contos”, criada por Jean-Marie Gillig.

Após o conhecimento da atividade conforme sugerida por Gillig, bem como das possíveis variáveis da mesma, pudemos constatar sua eficácia ao estudar dois casos específicos de pacientes atendidos em estágio supervisionado na UNISA, no Centro Saúde Escola/LAAR.

Nos casos de **L** e **A**, ficou evidenciado que esta atividade em muito pode contribuir para confirmação de diagnóstico, bem como na intervenção do tratamento psicopedagógico.

Pudemos ver como o resultado da atividade, deixou mais evidente os diagnósticos que se tinham com relação à modalidade de aprendizagem, já que claramente reproduziram os conceitos básicos delas.

A possibilidade de criar, inventar, a partir de elementos criados pelos próprios mostrou-se imensa.

Os pacientes mesmo sem que percebessem deixaram aflorar a realidade existente em seu subconsciente já que os elementos por eles criados, tinham total relação com a realidade, consciente ou não de cada um deles.

Comparando o relatório da anamnese, com os componentes apresentados também na prática clínica, fica claramente evidenciado que seus medos, desejos, e

angústias apareceram de forma explícita ou mesmo implícitas, durante todas as etapas da atividade.

Esta atividade, que a princípio, pode parecer simples, ainda contempla mais aspectos que poderão ser explorados durante a prática psicopedagógica.

Além dos aspectos psicológicos, pode-se ainda trabalhar muito com a produção escrita e a narrativa de cada um, o que é efetivamente uma intervenção extremamente proveitosa.

Para enriquecer e estimular o imaginário das crianças e desenvolver a competência narrativa e indispensável à produção dos contos, eis aqui uma máquina de fabricar contos; ela servirá, em primeiro lugar, ao enriquecimento das competências lingüísticas e orais... As esferas de ação dos personagens ou dos actantes (agente de ação) devem combinar entre si num esquema próprio da narrativa. "(GILLIG, 1999 p 131).

É meu desejo que muitos dos leitores, engajados na Psicopedagogia, possam perceber as ilimitadas possibilidades de “fábrica de contos”, em sua prática clínica.

Que através de magia e fantasia, possamos além de estimular a criatividade de nossos pacientes, permitir a eles realizar neste momento, o que o mundo real, por algum motivo, não lhes autorizou.

Que através dos personagens encantados, fictícios, lugares e acontecimentos tidos como “fantasiosos”, eles expressem sentimentos até então guardados, escondidos e proibidos.

Certamente com nossa ajuda, começarão a livrar-se das cadeias que os prende, tolhendo sua capacidade de aprender da forma correta, com certeza estaremos colocando cada um deles no caminho da autonomia, que lhes permitirá a apropriação de um saber eficaz, que poderá transformar para sempre suas vidas.

## Bibliografia

**BETTELHEIN**, Bruno . **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Editora Paz e Terra S/A. São Paulo, 1980.

**CORSO**, Diana Lichtenstein; **CORSO**, Mário. **Fadas no Divã – Psicanálise nas Histórias Infantis**. Artmed Editora S/A . Porto Alegre, 2006.

**FERNÁNDEZ**, Alícia. **Os Idiomas do Aprendiz**. Artmed Editora S/A. Porto Alegre, 2001.

**GILLIG**, Jean-Marie. **O Conto na Psicopedagogia**. Artmed Editora S/A. Porto Alegre, 1999.

**MATTAR**, Regina Ribeiro. **Os Contos de Fadas e suas Implicações na Infância**. 2007. 43 p. Trabalho para conclusão de curso (Graduação), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Bauru, 2007.

## Anexo

HEROI	AMIGO DO HEROI	VILÃO	CENÁRIO	OBJETO MÁGICO	OBJETIVO	PONTO DE PARTIDA
L SUPER IRMÃ	A PRIMA IMPORTANTE	A A TIA DO PEDAÇO DE FIO (para bater)	A JARDIM DA CASA DO TIO	A VARINHA MÁGICA QUE CRIA OBJETOS	A ARRUMAR EMPREGO PARA O TIO LEGAL	L NUM BELO DIA NA PRACINHA DAS DROGAS
M MÃE "DA HORA"	L SUPER PAI	L PROFESSOR DE EQUAÇÃO DO 2o GRAU MALDITA	M PRÓPRIA CASA	L VIDEO GAME SIMULADOR (transferidor)	L APOSENTAR A MÃE SUPER PODEROSA	A PASSOU O CARRO DA POLÍCIA, PAROU E ENQUADROU TODO MUNDO
L MÃE PODEROSA	A <b>TIO LEGAL</b>	L PROFESSORA DE CIÊNCIAS DOIDA	L A LAGE DO SUPER PAI (churrasco)	L <b>BICICLETA VOADORA</b>	L COLOCAR UMA BASE DA PM NA PRACINHA DAS DROGAS	L NUMA NOITE DE TEMPESTADE
A TIO BONDOSO	L IRMÃO FORTÃO	A PROFESSORA DE ED. FISICA (joga bola nas pessoas)	A A CIDADE DA TIA	A SUPER CARRO	A LIMPAR A CIDADE DA TIA	L NO FERIADO DO DIA DAS CRIANÇAS
L SUPER PAI	L CACHORRO BRINCALHÃO	L PROFESSOR DA SALA DE LEITURA	L <b>PRACINHA DROGAS</b>	L O PC METRALHADOR (só de sedativos)	A EXPULSAR O PROFESSOR DE MATEMÁTICA	A <b>EM UMA TARDE DE SEGUNDA FEIRA</b>
A <b>PRIMA CARINHOSA</b>	L PRIMO VALOROSO	L <b>PROFESSOR DE PORTUGUÊS</b>	L SUPER COZINHA (TV e videogame)	A O ARMÁRIO MÁGICO	L <b>FAZER A SUPER IRMÃ DEIXAR DE SER CHATA</b>	L ERA UMA VEZ